

DESMASCARANDO UM RANCOROSO MANEJO POLITICO

A monarquia, em Portugal, só nos rebanhos *chies* possui partidários e não encontra nas classes populares, nem o menor entusiasmo nem a menor simpatia. Estas preocupam-se de preferência com outros problemas que interessam mais decisivamente os seus destinos.

Os monárquicos são a expressão máxima, em política, do conservantismo e do reaccionário: admiradores fogosos de Mussolini pretendem inaugurar no país um regime de terror, dentro do qual os seus fanáticos partidários tenham o direito de respirar e de viver. E como as classes populares não têm o culto da escravidão e estão sempre prontas a bater-se pela liberdade, os monárquicos pretendem realizar a implantação da monarquia por meio de traições que repugnem às consciências bem formadas e de intrigas sangrentas que fariam recuar, apavorado, um criminoso-nato. Incapazes de atacar de frente, com as suas próprias forças, os adversários, procuram por todas as maneiras esmagá-los e mesmo exterminá-los.

Este sistema vil foi, pela primeira vez, empregado no dezembrismo, em que os monárquicos prenderam e espancaram e assassinaram cobardemente adversários, fazendo recair as culpas e os ódios sobre Sidónio Pais, morto a tiro na estação do Rossio com grande alegria deles, quando o ditador ia ao Porto procurar convencer os monárquicos daquela cidade que não deviam proceder, para a consecução dos seus objectivos, duma maneira tão absolutista e desumana.

A revolução deu-se porque os monárquicos começaram surdindo de todos os cantos, insolentes e audaciosos, anunciando aos quatro ventos a vitória próxima do seu regime predilecto. Os jornais "talassas" envenenaram a atmosfera e originaram este grande e pungente drama colectivo que ensanguentou o país de norte a sul.

Acabada a revolta surgiram logo a clamar sobre os vencidos as maiores calúnias e incitando o governo a exercer sobre eles as piores violências. Quando das deportações levadas a efeito pelo governo de Vitorino Guimarães, deportações que provocaram um manifesto de pro-

testo de muitos dos melhores escritores, artistas e jornalistas, rejeitaram. Rejeitaram porque compreenderam claramente que os próprios que fizeram as deportações ainda seriam vítimas delas—e com o Vitorino Guimarães assim aconteceu—o que não sucederia com os monárquicos que só conspiram e atacam com as armas e com a força daqueles que pérfidamente fingem apoiar.

Rejeitaram com as deportações porque pretendiam ver irradiados do país todos a fim de ficarem sós em campo e implantarem o seu regime, perante a impotência dos que nas plagas africanas suportavam os horrores do clima, agravados com toda a espécie de dificuldades.

Queriam que se deportassem dezenas de milhares de pessoas; que todos os dias fossem levados para bordo de navios das carreiras de Africa centenas de criaturas

Os monárquicos alimentam-se do ódio e têm por arma o crime. O ódio não constrói, o crime não edifica. Que não os esqueçam os sinistros empresários de massacres

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo.....	\$50
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Loforgne.....	\$50
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva.....	\$150
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar.....	\$100
A Humanidade, por Taraf Javol.....	\$150
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin.....	\$200
Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchefer.....	\$200
Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série.....	\$250
O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva.....	\$250
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas.....	\$300
A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia.....	\$350
A Filologia perante a História, por Nobre França.....	\$500
Os direitos do Estado, por A. Levisse Tedfilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho.....	\$300
O que é o socialismo, por E. Soisson.....	\$150
O corpo humano, por A. Levisse.....	\$250

O JOGO DE AZAR

A sua regulamentação demonstra que é impossível à sociedade viver sem ele!

A questão do jogo é uma das muitas questões reveladoras da imoralidade da sociedade capitalista. Há longos anos que ela vem sendo debatida nos meios políticos, onde existem duas tradicionais correntes de opinião: a dos que são pela sua repressão e a dos que, considerando essa repressão improficua, acham que ele deve ser regulamentado, com o máximo possível de interesse para o Estado.

O jogo de azar constitui uma verdadeira batota e tão verdadeira que lhe dá o nome por que ele é mais designado. Quem ganha é o banqueiro, quem perde é o jogador.

Só assim se explica que o primeiro possa manter de pé casas e palácios luxuosíssimos cuja diária de despesa é enorme, diária que pressupõe logo a desgraça do jogador, o qual paga tudo aquilo e ainda, por cima, origina os grandes lucros, os certos, os infalíveis lucros do banqueiro.

O jogador, mesmo o que se supõe duma frieza e dum rigor matemático, é terrivelmente supersticioso e ambicioso.

Seja um homem que queira aumentar a sua fortuna ou um que pretenda fugir à mediocridade, ambos procuram economizar o esforço e o tempo, confiando que alguns minutos, emotivos até à angústia, de roleta lhe podem dar aquilo que muitos anos de trabalho lhe não dão ou que pela exploração industrial de muitos homens só lentamente, lhe conseguirão.

Joga-se o dinheiro, e como só com ele se obtém o que o trabalho humano produz, disputa-se encarnadamente a sorte, a sorte que faz com que o banqueiro meta no bolso, invariavelmente, não só o que roubou à sua vítima como o que a sua vítima roubou aos outros para manter o seu vício, convicto de que acabará por conquistar a almejada fortuna.

A psicologia do jogador modifica-se ao entrar na casa de jogo e tudo ali concorre para lhe roubar a reflexão e lhe destruir os últimos escrúpulos. Tudo, desde as mulheres de provocantes toilettes e excitantes perfumes até ao ambiente da casa de jogo, à alucinação do pano verde e à sedução das fichas que representam dinheiro. Com ou sem alternativas, ele perde, invariavelmente, e seus dias acabam na cadeia ou no taboleiro da morgue, como o comprova o noticiário dos jornais que quase diariamente referem suicídios de jogadores.

O jogo, sendo um agente de perdição económica, é o também de corrupção moral: o banqueiro maneja o seu dinheiro, às mãos largas quando o acha necessário, subornando até personalidades de alta posição social. Na sua casa de jogo serve-se até das perdas para arrastar os jogadores a toda a espécie de deboches, a fim de lhe multiplicar os vícios e, com eles, as necessidades de dinheiro. O jogo, a embriaguez e o deboche andam de braço dado naquelas cavernas luxuosíssimas, e constituem

uma trindade sinistra que rouba, avilta e mata.

O jogo, em Portugal, aumentou, duma maneira excessiva, a partir de 1914. Aproveitou a onda de imoralidade e de devassidão que alastrou temerosamente na sociedade portuguesa da guerra para cá e conseguiu explorá-la fortemente e dilatá-la ainda mais. Chegou a ser tão forte a corrupção por ele exercida que houve uma situação política que favoreceu o jogo por considerá-lo um sólido esteio e um presidente de Ministério que, em pleno parlamento, afirmou que a repressão da batota provocaria uma revolução, inevitavelmente. Essa corrupção revelou-se também nas várias tentativas da repressão do jogo que faliram estrondosamente.

Porque se não reprime o jogo?—inquirirá qualquer ingénuo moralista. Não se reprime porque é impossível. A corrupção da sociedade gera o jogador e o jogador implica a existência da batota. Fala-se aí muito nas estâncias de águas e nas praias de banhos, mas nenhuma estância balnear consegue concorrência sem ter roleta. O número de jogadores pode contar-se pelo número dos que viajam na época de verão, pertencentes às classes que predominam na sociedade.

O governo, regulamentando o jogo, reconheceu que ele não pode ser extirpado da actual sociedade à qual, aliás, está tão estreitamente ligado como o fruto à árvore que o produz. Podemos nós proclamar que a batota será uma instituição legal—instituição legal que dará ao Estado uma receita grãdua.

O projecto de regulamentação do jogo contém várias restrições e proibições. Segundo elas não poderão ser jogadores os funcionários policiais, os militares quando fardados e os menores, os estudantes, os cobradores de casas comerciais e todos aqueles que tenham à sua guarda dinheiro de particulares ou do Estado. Jogadores poderão ser todos os outros, restando-nos, porém, a dúvida sobre a maneira como se consegue isolar aqueles a quem a lei concede o estranho direito de ser jogadores daqueles que por lei só podem jogar a busca, a feições encarnadas, na inviolabilidade precária das suas residências. Ou as casas de jogo recebam toda a população dos vícios, o que nos parece muito impossível, ou a polícia conhece todas as pessoas que as frequentam, deslindando pela simples enunciação dos seus nomes e apelidos que eles não são do número daqueles a quem a lei não permite que joguem. Parece-nos que essa diferenciação se fará duma maneira tão fácil que nos recusamos a expô-la com receio de sermos considerados colaboradores do projecto da regulamentação do jogo...

A CRENÇA E A FÉ

Todo o homem precisa de ser crente! Todo o mortal necessita de possuir uma fé, e grande, num Ente Superior, Senhor dos Céus e da Terra, que presida aos nossos destinos, aos nossos pensamentos, às nossas acções!

Ai daquele que não tenha nem crença nem fé!

Será réprobo, maldito! O seu coração será gélido como um punhado de neve, a sua alma árida e escabrosa como uma montanha. E o seu destino será tenebroso como uma noite caliginosa, atravessando a vida sem um norte, sem um guia, qual naufrágio perdido no meio dum mar imenso e que no silêncio terrível da Treva não enxada o bruxulear duma esteira ou a luz ansiada dum farol que o leve a porto de salvamento!

A sua morte será terrível como a do naufrágio que busca o auxílio em vão, sem o carinho dum amparo, sem uma esperança. Morrerá odiado por todos e amaldiçoado por Deus!

Portanto, homens, há que ter uma crença ardente numa Divindade Superior, senhora da nossa vida, das nossas obras, das nossas acções. Hemos que ter fé na Suma Vontade de Deus, toda bondade para os que o adoram, mas juiz e carrasco inexorável dos descrentes, dos ímpios, dos ateus!

Eis o que proclamam, imponentemente, do alto das suas cátedras, doutores e teólogos eminentes, dando às suas palavras aquele aspecto dogmático e infalível, próprio de tão sapientísimos senhores.

Isto mesmo gritam, há centenas e centenas de anos, do cimo dos seus púlpitos, todos os padres, priores e curas, deixando as multidões estarecidas com a pungente visão de terríveis castigos celestiais.

Por intermédio de todas as provas convincentes e persuasivas, ou por meio dos argumentos, mais convincentes ainda, do pórtio, da fogueira, da tortura e mil outros processos inquisitoriais, os senhores da Igreja têm mantido a sua santa e milenária propaganda da divina obra de Deus, e deturpando, segundo as conveniências, a doutrina e os princípios dos cristãos primitivos e alimentando entre o povo ignora a crença num fetichismo grosseiro, para o qual, aliás, o povo boçal teve sempre instintiva inclinação.

A-pesar dos esforços desesperados dos santos varões da Igreja, a-pesar das suas apóstrofes violentas para os homens sem fé nos santíssimos mandamentos da Igreja, embora as excomunições e o exército dos amentes, é cada vez maior o número dos descrentes na eficácia do poder das divindades, estejam estas substanciadas em Deus, em Budá, ou em Mani...

Contudo os padres têm redobrado de esforços em alimentar o poder da religião e de maneira tal, que a muitos que examinam superficialmente o problema religioso, se afigurará que a Igreja tem aumentado o seu prestígio, não verificando, sequer, que o aspecto ilusório duma maior concor-

rência às igrejas, não traduz maior religiosismo da parte da multidão, pois que a falta de fé vai-se encontrar precisamente numa grande parte dos frequentadores das novenas, dos lausperenes e dos sermões.

Contos largos... que não vêm a propósito...

O certo é que o número de ateus aumenta, sem receio algum da cólera do Senhor. Porque será assim? Que força misteriosa atraía esses perdidos da graça divina, que os traz afastados do santo ambiente da Igreja?—preguntarão apreensivos os ministros de Deus.

E' que, santíssimos padres e sapientísimos teólogos, nós, os ateus, e, especialmente, aqueles que abraçaram a causa de renovação social e sobre os quais dardejamos, mais inflammas ainda, as vossas fulminantes recriminações por oarmos destruir o existente, o que, em vossa intangível opinião, só a Deus é permitido, nós, dizíamos, também temos crença, também possuímos fé!

Embora não cause espanto, esta é a verdade. E que crença? E que fé?

Temos uma crença forte no poder, na vitória do Homem, que em épocas gigantes cas tem vindo, através dos séculos, lutando pela Liberdade, pela Ciência e que, deruindo dogmas, ídolos, preconceitos, religiões, há-de atingir, glorioso, a meta almejada da Perfeição Humana!

Acalentamos, dentro dos nossos peitos, uma fé poderosa e ardente de que em breve raiará em todo o orbe terrestre o sol benedito da Verdade, da Justiça e da Razão.

E como a nossa crença e a nossa fé é diferente da vossa, oh padres!

Enquanto vós pretendes dominar o homem pelo terror, rebaixando-o, fazendo-o crer num Deus estúpido e cruel, que castigam e recompensa a seu bel prazer, nós elevamos-lo até atingir com nitidez o valor da sua personalidade, incitamo-lo a praticar o bem pelo bem, dentro dos limites da sua consciência e da sua moral, que tem de ser forçosamente elevada, sem esperar recompensas ou recear castigos próximos ou longínquos.

Vós, reverendos, mergulhais o povo na escuridão da ignorância, para melhor assegurardes o vosso predomínio, persuadidos de que, quanto mais estúpido for o povo, mais e melhor cre nas divindades que lhe impingis.

Nós, pelo contrário, desejamos um povo instruído, com uma moral sã, pois as sociedades serão tanto mais felizes, quanto maior for o grau de cultura intelectual dos seus componentes.

Vede como também temos crença e fé, conquanto muito diferente e com fins opostos da vossa!

Verificai, padres, as causas imediatas porque o número de ateus aumenta.

Embora não o queirais confessar, vós sentis o vosso poderio e o vosso prestígio

AS CASAS DE "PREGO"

A miséria dos penhoristas desmentida por um relatório de contas de um desses estabelecimentos de exploração

A arruaça dos penhoristas contra o regulamento que restringe os juros nos empréstimos sobre penhores teve o condão de demonstrar aos leigos que os proprietários das casas de "prego" só se satisfazem arrancando a camisa dos mutuários. Pela carta do penhorista a que demos guarida no último número, verificámos que não é o limite dos juros a causa da rebelião dos "honrados" comerciantes de penhores. A liberdade do estabelecimento do juro era, na verdade, um bom negócio. Mas melhor, muito mais lucrativa, é a liberdade de poderem arrematar os objectos a quando dos leilões, melhor, muito mais vantajosa é a liberdade de poderem vender, como novos, os objectos que adquirem nos leilões.

O limite dos juros é apenas o pretexto para a não realização das transacções, fundamentada no facto dos encargos, por efeito de impostos e contribuições, ser elevado.

Alguns dos penhoristas, como o que nos escreveu no sábado, reconhecem «que se impugna a necessidade de limitar os juros sobre penhores». Acaso, algum dia, qualquer desses cavalheiros restringiu os seus lucros? Porventura, algum desses honrados comerciantes, diminuiu os seus?

Parece-nos que não. Se alguma diferença se notou nesses «bemquitos» homens de negócio foi ela no sentido de elevar o juro. Casas há que nos últimos tempos elevaram o juro a um coeficiente espantoso.

E nas transacções efectuadas depois da hora regulamentar? Isso era simplesmente revoltante. Um desgraçado recorria, numa hora de aflição, a um desses miseráveis. Primeiro havia de parte do usuário uma fingida recusa em aceitar o objecto. Mas ante as lágrimas da sua vítima o agiota simulava certa piedade por ela. Punha apenas como condição uma taxa que atingia a casa anual de 150 %, na melhor das hipóteses.

Como o desgraçado recorria, numa hora de amargura, a esses antros de exploração, todas as condições eram aceites, mesmo as mais duras.

Conhecemos um operário que, perante a perda de uma filha, recorreu, altas horas da noite, a uma casa de "prego" do Alto do Pina a fim de solver as despesas que o funeral acarretava.

Pois o cruel prestamista não teve pejo em levar um juro de 160 %, ao ano sobre uns miseráveis farrapos que o desgraçado lá foi empilhar.

Em face de todos estes factos, infelizmente do conhecimento de todos, com que direito é que alguns desses agiotes vêm dizer-nos que a limitação dos juros é um acto razoável? Porque não diminuiriam há mais tempo os seus lucros? Porque só agora vieram a público dizer que, de facto,

fortemente abalados. Não poderéis, por força alguma do mundo, deter o constante exodo que se vai operando dentro da vossa Egreja.

E' que a massa sofredora da multidão vai a pouco e pouco apercebendo-se, instintivamente, daquela admirável frase de Proudhon, com a qual damos fecho a esta plida e despretenciosa análise:

Enquanto a Humanidade ajoelha aos pés dum altar, escravos dos reis e dos padres, a Humanidade há-de ser réproba.

Arnaldo Simões JANUÁRIO

O PROBLEMA DA PAZ...

O efeito trágico dos gases venenosos apreciados por um jornal americano

O desencadear dos acontecimentos no Oriente trouxe ao convencimento de todos a iminência de uma nova conflagração, muito mais trágica do que a ensanguentou a velha Europa.

Fazem-se já previsões sobre o futuro dos povos, marcando-se mesmo o zenith da actual civilização.

Como principal elemento destruidor da vida humana apresentam-se os gases venenosos, que na última guerra iniciaram bem trágicamente a sua triste tarefa.

A propósito da função desses gases, contra um jornal americano, *Golden Age*, o seguinte:

«E' provável que muitos dos habitantes da terra encontrarão a morte pelos gases asfixiantes. O gaz mais eficaz para causar a sufocação é chamado *Phosgene*, o qual é espalhado por toda a parte pelo vento sufoando tudo quanto o encontrar. O gaz produzido da semente de mostarda, queima e consome a carne até o osso. O gaz denominado *Chloropierin*, produz vômitos tão intensos que causa completa inanição. O gaz chamado *lacrímatório*, produz lágrimas tão copiosas e continuas que a vítima fica inutilizada. Outro, chamado *lewisite* é um gaz ardente que julgam ter a vantagem de penetrar qualquer máscara, e uma vez alcançando o pulmão começa queimando a vítima interior e exteriormente. Porém, se exgotar qualquer destes produtos químicos, ainda há o recurso de lançar mão dos micróbios que são espalhados por aparelhos especiais, causando doenças e pestes mortíferas e incuráveis.

Parece que é impossível às nações chegar a um acordo sobre as bases para limitar ou governar o emprego de gases venenosos. Todas as nações concordaram que devia ser proibido; no entanto elas prepararam-se para empregá-los. Uma parte das nações queria estabelecer uma regra inflexível no sentido de, todas reunidas, atacar com gases asfixiantes a nação que ousasse empregá-los em tempo de guerra; mas como todas as potências haviam de afirmar que foi a outra que o empregou em primeiro lugar, logo tal acordo seria sem efec-

se roubava nas transacções, que de facto, se arrancava a pobre camisa ao desgraçado mutuário!

Se algum se dispusesse a fazer um inquerito a essas casas de exploração muito teria que contar ao público. Não há muitos meses que salientamos, nestas colunas, o movimento de um estabelecimento desses, de insignificante valor, e pelo qual se conheceu a distribuição do dividendo. Esse estabelecimento denomina-se *Casa dos Pobres*, sociedade por acções, com sede na rua dos Douradores. Não é demais, visto que voltamos a tratar do assunto, referir a esse estabelecimento, reproduzindo parte de um relatório de contas do ano económico de 1925.

O seu capital social é de 37.500\$00. Pois esta importância produziu, segundo balanço fechado em 31 de Dezembro de 1925, uma receita bruta de 106.764\$96, assim distribuída: dividendo de 1924, 11.085\$00; aplicação de capitais, 1.567\$42; fundo de reserva, 1.576\$45; gratificações, 8.000\$00; contribuições, 4.000\$00; prejuízo em penhores, 1.979\$21 (?); imposto de transacções, 2.760\$22; encargos gerais, 38.049\$85; lucros líquidos, 37.746\$75.

Com um capital inferior a trinta e oito contos, conseguiu uma receita bruta superior a cento e seis mil escudos e um lucro líquido de cerca de quarenta contos.

São quarenta contos arrancados à miséria dos que trabalham! Nessa cifra, feita de dor e de sofrimento, quantos farrapos se encontrarão, quantas lágrimas ela acumula?

O receio das casas de penhores é feito de pedaços de dor, de toda uma vida de sofrimento e de tortura.

2.º Onde se encontra a primeira casa que não tenha podido resistir aos impostos e transacções? Não nos conta que tivesse fechado qualquer estabelecimento por esse facto.

E também não nos parece que a limitação dos lucros, fixada agora pelo regulamento do decreto sobre penhores, de causa ao encerramento das casas de "prego" pela impossibilidade de existência.

Quando muito, esse regulamento restringe o roubo, não acabando, todavia com ele.

Porisso a atitude dos mutuários deve ser uma: não pagarem mais do que ficou estabelecido. E não recear os avisos que se encontram afixados em algumas casas. Os haveres penhorados não podem ser leiloados senão com três meses de falta de pagamento. Qualquer objecto que não esteja nestas condições nunca poderá considerar-se perdido.

Os prestamistas não terão o direito de os leillear, embora se esfalem em fazer acreditar o contrário.

Além disso os Estados Unidos, a Gran Bretanha e o Japão desistiram de tomar parte neste pacto. Estes preferem que não houvesse guerra com gases venenosos.

O sr. Irvine, presidente da Universidade de St. Andrews, na Escocia, informa que há um produto químico, descoberto durante a última guerra, que é tão forte, que se porventura uma gota aderir ao salto da bota o soldado ficará completamente inutilizado. Podemos formar uma ideia vaga do resultado que teria se este líquido venenoso fosse espalhado sobre o campo de batalha entre os dois exércitos, em lugar de arame fardado como foi na guerra passada! O soldado ignorando a sua presença, pizando sobre a terra onde estiver espalhado este gaz, só depois de algumas horas ou dias sucumbiria pelos seus efeitos fatais. De modo que o terreno conquistado pelo inimigo não poderia ser atravessado, e a infantaria seria aniquilada se ousasse avançar em perseguição ao exército em retirada.

Recolheram à Penitenciária, à ordem da 1.ª Região Militar, José Rodrigues Roboredo, Joaquim Pinheiro Vila, Joaquim Moreira, José Joaquim Barros Júnior, António José de Almeida, António Almeida Santos, Manuel Mota Machado, Manuel Martins dos Santos, Domingos Fernandes, Manuel Cunha Estrêla e Serafim Lopes, que pela polícia do Porto são acusados de extremistas.

Porém o verdadeiro motivo da prisão filia-se no facto de pertencerem a algumas organizações libertárias e ao nosso colega *A Comuna*, quinzenário anarquista, o que não constitui delito que mereça punição.

Soma a segue

Também recolheram à Penitenciária mais os seguintes presos, conduzidos por vários agentes da policia de informação: António Braz Ariz Miguel, Francisco Simões, Lino Wolchart e Baltazar Pereira Veríssimo, este último transferido do forte de Monsanto.

Os deportados para São Tomé

No ministério das Colónias, recebeu-se ontem do governador de São Tomé, a lista completa dos presos políticos que ali foram deixados pelo vapor *Lourenço Marques*:

General Sousa Dias, contra-almirante Câmara Leme, coronel Fernando Freiria; tenente coronel de engenharia Tamagnini Barbosa; capitães de infantaria, Fernando Sampaio Rodrigues, Manuel Henrique de Faria, da Guarda Republicana José António do Carmo; de infantaria 13, Albano Rodrigues de Carvalho; Francisco Rodrigues Pereira; Marcial Pimentel Firmião; capitão militar da Guarda Republicana, Artur da Cunha Azinhais; idem do Batalhão de Metralhadoras n.º 2, Henrique Alberto de Sousa Gnera; e de infantaria, Eugénio Rodrigues Aresta; tenente de infantaria, Teotónio

Notas & Comentários

Concorrência

Foi presa no Rio de Janeiro uma mulher que, intitulando-se santa, dizia curar todas as doenças, no que acreditaram milhares de crentes por ela burlados.

Trata-se de mais uma concorrente ao processo de cura usado em Lourdes e, ultimamente, em Fátima.

Unicamente a «santa» do Rio de Janeiro não dispunha de força que tornasse poderosa a Igreja de Roma, motivo principal porque está, a estas horas, no calabouço...

Os progressos da aviação

Na primavera de 1928 vai ser inaugurada uma carreira aérea regular entre a península ibérica e a América do Sul, por um Zeppelin gigantesco que está sendo construído na Alemanha. Essa aeronave possuirá 20 camarotes de duas camas cada, semelhantes nas suas dimensões e instalação aos camarotes de primeira classe dos grandes transatlânticos. Na gondola anterior estará instalada a casa de jantar que servirá de salão de descanso.

Os passageiros poderão distrair-se durante a travessia com as audições da rádio-telefonia.

«A mulher que precisa de amor»

Já está publicado o 5.º volume da «Coleção de Haje», a bem apresentada série de romances contemporâneos que a Livraria Civilização, do Porto, vem editando com êxito. Este novo volume intitula-se «A mulher que precisa de amor» e é da autoria

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em língua espanhola encontra à venda na nossa administração, e é repleto histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas, pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros valores da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, (12) pto. inteiro, registado, 147\$.

- Estão publicados os seguintes fascículos:
- 1.º—«A era da escravidão»;
- 2.º—«A rebelião das Espartacas»;
- 3.º—«Abolição da escravidão»;
- 4.º—«Apopocia e Servindões»;
- 5.º—«A revolução dos séculos»;
- 6.º—«A miséria de los agricultores»;
- 7.º—«Transformacion del Poder Estatal»;
- 8.º—«El comunismo cristiano»;
- 9.º—«Los miserables en la Edad Media»;
- 10.º—«La libertad litoria»;
- 11.º—«La agonía del absolutismo»;
- 12.º—«El trabajo motor universal»;
- 13.º—«El imperio de la guilhotina».

do conhecido escritor cubano Alberto Insua. Trata-se dum romance em que são focados os meios literários e artísticos e onde se dá, fortes pinceladas, o calvário do jornalismo. A protagonista, sedenta de amor, de ternura, só encontra em seu redor interesses e preconceitos, que a levam a reagir sobre o ambiente que a sufoca.

O drama de «A mulher que precisa de amor» está bem focado e detalhado e nele a imaginação de Alberto Insua se espraia exuberantemente.

A tradução, do sr. Naveis Teixeira, é esmerada.

Conselho Superior de Caminhos de Ferro

Reuniu ontem e continua hoje em nova reunião o Conselho Superior de Caminhos de Ferro, a fim de apreciar um projecto de decreto acerca de concessões de linhas férreas, estabelecendo doutrina geral e metódica sobre esse assunto, no sentido de favorecer e amparar a iniciativa privada.

Um comunicado sobre a falta de carnes

Continua faltando a carne em Lisboa. Nos últimos dias a população apenas se abastecia de carne de porco, visto não haver carne de vaca nem de carneiro, desculpando-se os proprietários dos talhos com os marchantes, e atribuindo estes a falta ao tabelamento fixado pela Comissão de Abastecimento de Carnes.

E neste jogo de empurra nos encontramos há dias, não sabendo quando voltará a carne.

A propósito do assunto do Matadouro Municipal comunicam-nos o seguinte:

«A Comissão de Serviço de Abastecimento de Carnes, torna público de que devido à grande falta de gado bovino para abastecimento da cidade, que actualmente se está fazendo sentir, mantem o preço de 124\$50 por cada arroba de carne limpa proveniente de gado bovino adulto oriundo do Ribatejo, que seja abatido desde já.

Porém, logo que chegue a esta cidade o gado exótico, aquele preço sofrerá o abatimento de nove ou dez escudos por arroba de carne limpa, em analogia com os anos próximos passados.

UMA INOVAÇÃO

Realiza-se no proximo dia 8, o primeiro julgamento sem júri

No 8.º Juízo da Boa-Hora, é acusado no próximo dia 8, Gabriel Rocha, acusado de homicídio, que segundo as disposições da reforma judiciária, será julgado sem júri, que será substituído por três juizes.

CRONICA DO ESTRANGEIRO

Apaziguou-se o conflito italiano-iugoslavo

O petróleo incendeia as divergências entre os capitalistas mexicanos e norte-americanos — Socrates, ao fim de tantos séculos, vai ter o seu processo anulado?

O inquérito à fronteira iugoslavo-albanesa já se não faz. Como a guerra não contém agora as duas potências em rivalidade — acentuando-lhe as diferenças — tudo se arranhou diplomaticamente pelo melhor dos mundos possíveis...

O governo italiano «condescendeu» a entabular com o governo iugoslavo as negociações para regular o assunto, e este último governo não deixou de concordar. Fazer a guerra, no mundo capitalista, não é questão de dignidade patriótica ou nacional, mas uma questão de negócios sempre que os interesses não se conformam.

E como os negócios o permitam, a Iugoslávia «desceja» mesmo um acordo com a Itália, com a condição de que a independência da Albânia seja defendida pela Sociedade das Nações. Também deseja o governo iugoslavo que o famoso tratado de Tirana, que deu origem ao conflito, seja substituído por um compromisso das potências europeias de defesa da integridade territorial do estado albanês, participando deste compromisso a Iugoslávia e a Grécia, porque, sendo vizinhos da Albânia, têm o maior interesse no destino deste último país.

Apenas porque os governos capitalistas da Europa não fizeram nisto empenho algum, é que os Balcanos não incendiaram agora uma segunda conflagração europeia mundial. A Inglaterra é o governo que mais propósitos conciliadores está patentando, a pesar dos desafios belicistas que faz nas questões do Oriente...

O conflito nos Balcanos foi adiado sine-die... Mas a questão que se suscitou não diminuiu perigo a sua gravidade. Continua sendo um perigo alarmante para a paz europeia. Se fossem os capitalistas a baterem-se, isso não nos incomodaria demais. Mas uma guerra seria feita, como sempre, por uma multidão inconsciente e bárbara, que destruiria cidades esplêndidas, inutilizaria campos fecundos e aniquilaria vidas inocentes, enquanto o capitalismo estaria na engorda e não perderia uma gota de sangue nem faria o menor sacrifício.

A ameaça de uma nova guerra nos Balcanos não era determinada pela noção ideal de defender a liberdade dos povos. A Albânia existe porque as rivalidades no mar Adriático são muitas e atraem para os odios encarniçados vários estados. São a Itália, a Iugoslávia, a Grécia, a pretenderem uma saída para esse mar. O Montenegro perdeu a independência logo que deixou de interessar as potências.

Diz-se que a Albânia tem um notável carácter de independência; mas o seu regime feudal, os seus bandos de aventureiros não lhe garantem uma existência séria. Assim, a Albânia é um mero jogo na política balcânica das grandes potências — e uma nova ameaça de guerra.

O jogo da diplomacia

Ainda se hesita na abertura de negociações

BERLIM, 4. — Os ministros da França e da Inglaterra realizaram uma «demarche» junto do governo iugoslavo, a favor da abertura de negociações directas entre os gabinetes de Roma e de Belgrado. Os círculos bem informados supõem que a Iugoslávia dificilmente poderá aceitar as condições italianas para a abertura das negociações directas com Roma. A imprensa considera a sugestão do sr. Chamberlain como inaceitável, visto a regulamentação do litígio não poder depender da ratificação das convenções de Nettuno. (L.)

Os alemães não querem mal entendidos

BERLIM, 4. — A «Gazette Voss» considera indesejável a anunciada viagem do sr. Siresmann a Roma, por poder causar desconfinanças nos gabinetes estrangeiros, e a situação parlamentar exigir a presença do ministro dos Negócios Estrangeiros. O mesmo jornal acrescenta que uma nova crise pode surgir, e que, não estando completamente apianado o conflito italo-iugoslavo, uma Conferência entre os srs. Siresmann e Mussolini poderia parecer o abandono da neutralidade por parte da Alemanha. (L.)

As disputas do capitalismo

Os verdadeiros motivos das dissensões dos Estados Unidos e do México

Todos os conflitos diplomáticos, políticos, belicistas, têm a sua génese na existência do sistema capitalista. O capitalismo sacrifica a sua existência e aos seus interesses as vidas e os haveres de quantos sejam estranhos aos dissídios que a diplomacia não possa solucionar.

Andam os diplomatas dos Estados Unidos e do México em litígio, ameaçando-se cotidianamente com a guerra. O motivo desta pendência de aspecto belicista é apenas a posse de imensos jazigos petrolíferos. Em suma, o México «nacionaliza» esses jazigos, o que fere os interesses industriais dos Estados Unidos, cujos capitalistas não querem, de maneira alguma, abandonar direitos que os capitalistas mexicanos consideram abusivos.

Em 1923, o governo de Obregon aceitou um convénio com o governo dos Estados Unidos, que em compensação, o reconheceu oficialmente. Por esse convénio, o México comprometeu-se a não aplicar leis confiscatórias de efeito retroactivo, sobre as propriedades das cidades dos Estados Unidos. O convénio de 1923 é o motivo forte de toda a divergência diplomática.

O governo norte-americano não considera o referido convénio um simples «modus-vivendi», enquanto o México, ou melhor o presidente Calles — que nunca quis reco-

nhecer esse convénio — pretende discutir como se deve determinar o verdadeiro carácter de propriedade norte-americana. Eis uma subtilidade que pode levar a uma grande brutalidade...

Uma excitante medida do governo Calles. NOVA-YORK, 4. — As relações entre os Estados Unidos e o México, estão novamente perturbadas devido ao assassinio do engenheiro electricista americano Edgar Wilkins, raptado cerca de Chapala, no Estado de Jalisco, por uma quadrilha de bandidos que pela sua libertação exigia resgate, assassinando-o ao serem perseguidos pelas tropas federais. A colónia estrangeira no México atribui o assassinio à política adoptada de perseguir os bandidos antes da paga do resgate.

Grande irritação existe ainda pelos boatos que circulam acerca da intenção do governo do presidente Calles em denunciar o acordo de Pani-Lamont, pelo qual os direitos de produção e exportação de óleos são destinados ao pagamento de juros dos empréstimos externos. — L.

Dois mil anos depois

Um advogado grego que requere a revisão do processo do imortal Socrates

Cerca de quinhentos anos antes da era de Cristo, Socrates desafiava a Grécia com a sua conversação irónica, sarcástica. Onde o povo se reunisse, assembleia, festas ou jogos, aparecia Socrates a expor a sua filosofia demolidora. Nunca este filósofo escreveu um livro: seu único prazer era a conversação, educando por meio de uma dialéctica que deixava confundidos os seus adversários, toda a sociedade do seu tempo. O seu espírito motejador, satírico, indisputado, por fim, os seus concidãos, três dos quais, Anytos, Melitos e Lycon, o levaram perante juízes, sob a acusação de impiedade. Diante dos seus julgadores, confundiu-os com a sua ironia e superioridade de espírito. Os juízes não o suportaram e condenaram-no, pois, a beber cicuta. Morreu o extraordinário e temido filósofo com admirável estoicismo, no ano de 399, antes de Cristo.

Decorridos cerca de vinte e quatro séculos, um advogado grego recorre ao Tribunal da Relação de Atenas a revisão do processo de Socrates. O advogado entende que a justiça não deve encontrar na razão dos séculos o menor impedimento à anulação de uma sentença cruel e injusta. O interessante advogado declara, na sua petição, que defenderá Socrates, pois apenas deseja depurar a memória do filósofo de falsas acusações dos inimigos.

Enquanto o tribunal de Atenas não toma uma resolução, vá o leitor prestando justiça a quem dela esteja necessitado...

Colera de Deus...

Uma igreja atingida por um raio. GENEVA, 4. — Numa igreja dos arredores desta cidade entrou esta manhã uma fúria, que, entrando pela torre dos sinos, passou sobre o órgão, ferindo um padre que junto dele se encontrava e destruiu o tecto duma capela lateral.

A fúria entrou seguidamente na sacristia, derrubando duas colunas e ferindo três padres, passando depois à nave central da igreja, feriu uma rapariga no pescoço, queimou as pernas a outra e os pés a várias pessoas.

Realizou-se imediatamente uma missa em acção de graças por, das centenas de pessoas que se encontravam na igreja, nenhuma ter ficado gravemente ferida. — L.

A conferência do desarmamento. Só as boas intenções continuam desarmadas...

GENEVA, 3. — A divergência de vistas entre os delegados franceses e ingleses à comissão preparatória da conferência do desarmamento, produziu-se acerca do armamento aéreo.

O visconde de Cecil insiste em que o desarmamento se deve limitar aos aparelhos terrestres, ao passo que o delegado francês diz que ele deve atingir todas as forças e material aéreo.

Lord Cecil deliberou pedir instruções ao governo britânico, motivo que levou ao adiamento dos trabalhos da comissão. — L.

Sempre a guerra em Marrocos. Os espanhóis sofrem revezes

RABAT, 4. — Revoltaram-se contra os espanhóis 9 tribus do Rif. Muitos contingentes e postos estão isolados. Confirma-se a notícia da morte de 4 oficiais, incluindo o major Ostioiz, comandante da coluna. A coluna comandada pelo major Guerra bate em retirada. Há completo sossego na fronteira francesa. — L.

A loucura burguesa

Um casino flutuante para 1500 pessoas. GENOVA, 4. — Um negociante genovês vai muito em breve transformar um navio em casino flutuante com restaurante, sala de dança e teatros que terá acomodação para 1500 pessoas. A primeira representação dar-se-á em Genova, saindo depois o barco em viagem pelos mais importantes portos do mundo. — L.

Em poucas linhas

Factos de secundário interesse. CAIRO, 4. — Chegaram a Mongala os 4 aeroplanos que estão tentando a travessia Cairo-Cabo.

BERLIM, 4. — O governo romeno respondeu negativamente ao pedido do príncipe Carol para ir visitar o rei Fernando.

BUCAREST, 4. — Conforme o boletim, o rei Fernando experimentou já algumas melhoras, tendo baixado já a temperatura.

BERLIM, 4. — Notícias recebidas de Roma dizem que o jornalista alemão Deline, denunciado há pouco por ter publicado fotografias inconvenientes para o prestígio da Itália, é agora acusado de espionagem.

BERLIM, 4. — O sr. Stresmann disse em Hanover, onde fôra presidir às cerimónias do aniversário do nascimento de Bismarck

TEATRO APOLO

Dois sessões às 8 1/2 e 10 1/2

Companhia ALMEIDA CRUZ

— Hoje — Hoje —

A mais atraente opereta

MOURARIA

O papel do novo «MOTA» é interpretado pelo alegre actor-cómico

AUGUSTO COSTA o mais popular e pitoresco espectáculo

que o governo apoia o projecto de um monumento nacional ao chanceler de ferro.

PARIS, 4. — A França, a exemplo da Inglaterra, vai criar uma embaixada em Buenos Aires.

BERLIM, 4. — Dizem de Copenhague que os comunistas internacionais enviaram um milhão de rublos para os mineiros grevistas americanos.

ROMA, 4. — O senado, depois de um discurso do sr. Boselli, aprovou a ratificação do tratado da Bessarábia.

MADRID, 4. — Foi publicado um decreto autorizando a companhia argentina «Radio» a montar um serviço directo entre a Argentina e a Espanha.

LAHORE, 4. — Um aeroplano em que ia lady Harby, esposa do governador de Punjab, chocou com os fios telegráficos, ficando despedaçado. Lady Harby e o piloto saíram ileso do desastre.

INSTRUÇÃO

Liceu Alexandre Herculano

Foi nomeado reitor do Liceu Alexandre Herculano do Porto, o professor sr. Raul Rocha.

Também foi nomeado reitor, interino, do liceu de Setúbal, no impedimento do efectivo, o professor sr. João José de Miranda.

Nomeações

Foram nomeados regentes provisórios de canto coral dos liceus de Camões, de Lisboa, e de Aveiro, respectivamente os srs. Manuel Joaquim de Oliveira e Maia Correia Rocha.

Exonerções

Foi exonerado a seu pedido, de director do liceu do Funchal, o sr. Joaquim Carlos Soares e substituído pelo professor sr. Alberto Figueiro Jardim.

CONFERÊNCIAS

“O SANGUE”

Pelas 21 horas, o sr. dr. Roberto Chaves, professor da Faculdade de Medicina, realiza na sede da Universidade Popular Portuguesa, Rua Particular 4, Rua Almeida e Sousa, a 2.ª das conferências sobre «O Sangue». Haverá também sessão cinematográfica.

“Evolução da Humanidade”

Na próxima sexta-feira, pelas 21 horas, o sr. dr. Santa Rita iniciará uma série de conferências sobre «História da Civilização», subordinada ao tema a «Evolução da Humanidade», na secção que a Universidade tem instalada na sede do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, no Campo de Santa Clara.

Catarros, tosses, bronquites, rouquidão, pigarro, mau hálito.

curam-se rapidamente com as cigarilhas medicinais

Belsaude-Viteri

Desinfectam profundamente as vias respiratórias; fortalecem as cordas vocais. Desoprimem os asmáticos permitindo sonos tranquilos.

Deve-se engulir o fumo

Pacote com 24 cigarilhas fracas, esc. 3\$00
Fórmula forte 4\$00
fortíssimo 5\$00

DEPÓSITO

Vicente Ribeiro & C.ª

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.º

FESTAS ASSOCIATIVAS

Na Caixa dos Vendedores de Jornais

Comemorando o primeiro aniversário da Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais, realizou-se no passado domingo uma pequena festa nesta colectividade que consistiu de sessão solene e inauguração da biblioteca, que ficou com o nome de Abel Moutinho, nosso colega de imprensa, e do estandarte.

Fizem-se rasgados discursos de apologia daquella instituição e de felicitação aos vendedores de jornais, reinando em todos os presentes a mais franca harmonia.

ASSINEM Os mistérios do Povo

TIVOLI

ÀS 21 HORAS

Uma obra prima de cinematografia dinamarquesa

AMO E SENHOR

Comédia sentimental, em seis partes, com Johs Meyer—Astrid Holm—Matilde—Nielsen

Realização de Carl Dreyer

O medroso valente

Comédia de aventuras, em 7 partes, com Douglas Fairbanks

No Japão

(Documentário)

Uma ciné farça

Revista mundial

Orquestra sob a direcção do maestro Nicolino Milano

OS QUE MORREM

D. Piedade Pereira Leal

Faleceu ontem na sua residência, rua das Amoreiras, 73, Quinta do Biagge, a sr. D. Piedade Pereira Leal, de 27 anos de idade, esposa do nosso camarada Jaime Augusto Leal, encarregado da tipografia da Associação de Classe dos Compositores Tipográficos.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas.

Maria Andrea Tavares

Faleceu a menina Maria Andrea Tavares, de 5 anos, filha extremosa do camarada António Tavares, tipógrafo da Batalha. O seu funeral realiza-se hoje, às 15 horas, da rua da Verónica, 96, 1.ª, (a Graça) para o Cemitério do Alto de São José.

José Maria Cabral

Realiza-se hoje o funeral do sr. José Maria Cabral, serralleiro da Empresa Nacional de Navegação, e tio do nosso camarada José de Oliveira, tipógrafo do nosso jornal.

O preito fúnebre sai da Morgue, às 15 horas, para o Cemitério da Ajuda.

Joaquim Nunes Pedreira

Faleceu o camarada Joaquim Nunes Pedreira, de 38 anos, natural do Cartaxo, carpinteiro, filho de João Nunes Pedreira, realizando-se o seu funeral hoje, às 15 horas, do Hospital de São José para o Cemitério Oriental.

O prémio das transferências

Segundo comunicação do governo de Moçambique, o prémio das transferências naquela provincia baixou desde 1 do corrente para 24 por cento.

“Arquitectura”

Revista mensal, acaba de sair o n.º 3. A venda na administração de A Batalha. Preço \$300, pelo correio \$360.

Solidariedade

Federação Portuguesa de Solidariedade. A reunião do Comité Executivo, convocada para hoje, efectua-se amanhã, às 21 horas.

LA NOVELA SOCIAL

LLAMAS DE ODIO. É o título do n.º 13 da interessante colecção de novelas que se publicam em lingua espanhola sob o título genérico de «Novela Social», encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$83. Pelo correio \$93.

Lisboa trágica

Colhido por uma carroça

No Banco do Hospital de São José, recebeu curativo e foi para casa, José Bastos, 50 anos, carroceiro, residente no Casal Ventoso de Baixo, 22, cave, que na rua Vasco da Gama, foi colhido pela carroça que guiava, ficando ferido no pé esquerdo.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Meduana» são hoje expedidas malas postais para Dakar, Bissau, Bolama, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo a última tiragem da correspondência às 7 horas, da Caixa Geral.

Por via Maselha, também seguem malas do correio para a Índia portuguesa e Macau, efectuando-se a última tiragem às 11,30.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de Redidos à administração de A Batalha. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

Os “chauffeurs”

e o bilhete de identidade

Pelo disposto no artigo 40.º e seus parágrafos do decreto n.º 13.254, de 23 de Março último, os condutores de automóveis são obrigados a adquirir o seu bilhete de identidade passado pelo Arquivo de Identificação — convento das Trinas. Os «chauffeurs» têm um prazo de sessenta dias para se munirem daquele documento, sob pena de lhes serem cassadas as respectivas licenças.

TEATROS

No Ginásio

Festa de Amélia Rey Colaço

Amélia Rey Colaço escolheu para a noite da sua festa artística a peça de Denys Amiel, «A Sorridente».

Esta obra teatral agradou em Paris e agradou, principalmente, pelo feição do francês, naturalmente predisposto a teatro desta natureza. Denys Amiel é um dos autores da peça «La Carcasse», tão discutida na França, por susceptibilidades doentias que provocou e que veio a resultar a sua retirada da scena por livre disposição dos seus autores. «A Sorridente», evidentemente pouco adaptável à sensibilidade dos nossos espectadores, interessou como especialidade, pelo desempenho que lhe foi dado por Amélia Rey Colaço, que com dissemos, fazia a sua festa artística. Amélia Rey Colaço é hoje no nosso teatro, uma figura de distinto relevo. Inteligente, vivaz, com uma requintada educação artística, os papéis que interpreta são sempre um pretexto para evidenciar as suas qualidades de actriz conscienciosa, de elegantíssima dição que lhe permite ocupar um lugar dos melhores no nosso palco. Uma decidida vocação atirou-a para o teatro e actualmente o seu nome é uma garantia de bom desempenho de qualquer peça. Amélia Rey Colaço veio também imprimir aos interiores scenicos um cunho de delicada arte e bom gosto a que não estavam habituadas as nossas plateias. A sua orientação estética marcou já no Politeama e agora de novo marca no Ginásio, onde a sua companhia dá neste momento os últimos espectáculos da temporada. «A Sorridente» encontrou na distinta artista quem a fizesse com talento e com intenção. No papel principal masculino Assis Pacheco que é aliás um «novo» bastante estudioso, defendeu-se com habilidade, embora lhe falte fôlego para tal cometimento. Mal andaria o critico se não lhe dissesse a verdade. Os outros artistas muito regularmente. A tradução da poetisa Virginia Vitorino, cuidada e com bom recorte literário.

Nogueira de BRITO.

Alunos da Escola da Arte de Representar

Trouxemos da primeira audição popular gratuita da Escola da Arte de Representar realizou este ano, a mais agradável das impressões, principalmente a respeito do desempenho da peça de Bento Mantua «O Alcool». O equilíbrio conjunto que ela nos apresentou é de molde a antevermos para os jovens intérpretes que ele teve, um futuro lisongeiro, embora cada um deles tenha ainda muito que estudar, sem deixar de corrigir erros que um bom firocinio teatral irá apagando.

Devo porém dizer aos incipientes comediantes que mal andarão se obstinadamente começarem a julgar-se aptos para determinados papéis, só porque o tipo do personagem os seduz. O actor não faz bem um papel só porque a índole do personagem lhe agrada. Todos nascem com a sua vocação e é em obediência a ela que o artista deve caminhar, nunca às manifestações torrenciais da sua simpatia. Para isso é que existem directores de scena, que melhor julgam da aptidão do actor. O actor não tem o direito de se classificar a si próprio no direito de interpretação deste ou daquele papel. É, caso curioso, geralmente os papéis que se lhe insinuam, são precisamente os que ele pior interpreta. Meditem bem nestas verdades os alunos da Escola da Arte de Representar e o tempo se encarregará de lhes abrir os olhos à razão.

«A vida de um rapaz pobre», peça romântica, foi prejudicada pelo «cantado» das palavras. Maria Brandão e Luís Filipe sentiram-se demasiadamente românticos e dando à dição uma celeridade imprópria tiveram gestos «juanescos», que embora até certo ponto a peça admita, não são já aceitáveis no teatro. Uma interpretação romântica, actualmente, tem de ser dada com menos espectacularismo. Veja-se como saiu diferente a representação de «O Alcool», o realismo que a obra reveste foi dado com inteligência por todos os intérpretes, e notou-se desde logo que Maria Brandão e Luís Filipe estão bem melhor nesta peça do que em «A vida de um rapaz pobre», ainda que tenhamos a certeza que a sedução dos papéis desta peça foi bem maior. Maria Brandão que é, aliás, deveras gentil, com um tipo de recorte parisiense, falta na scena em papéis desta natureza. Deve esta circunstância, até, ser-lhe particularmente curiosa, porque à frivolidade feminina, sorriso, talvez, mais a sugestão de encantar, nos chás e nos concertos do que sobre as tábuas dum palco, tratando-se, é claro, de uma mulher como Maria Brandão, cuja «coquetterie» é flagrante. Luís Filipe, que não se agradou na peça de Feuillet, fez um óptimo papel em «O Alcool». A representação de «O Sonho», de François Coppée, obteve de Leonor de Ega e de Maria Brandão uma bela dição, muito certa e elegante.

O espectáculo compreendia também danças teatrais clássicas e modernas, por discípulos de D. Encarnação Fernandez, tendo-se salientado a pequena bailarina André Branco. Os alunos que tomaram parte nesta recita, eram: além dos citados, Celestino Ribeiro, Hortense Rigo, Felícia Caldeira, José Balsemão, Salvador Marques e Almeida Carvalho na parte dramática e Ernestina Correia, Noémia Baral, Júlia Gimenéz, Maria Isabel Silva Lúcio, Celeste Moreira, Judith Marques, Arlete Soares, Maria Landa e Francine Goulon na parte dantesca.

N. de B.

Na Liga Naval

Concerto Mariana Dewander Gabriel. Sob o patrocínio de madame Pralon, ministra da França, teve lugar no salão nobre da Liga Naval o recital de música francesa promovido pela distinta cantora D. Maria Dewander Gabriel e em que tomou parte madame Maria Levêque de Castelo Lopes. Poucas vezes temos assistido a um tão interessante recital. D. Maria Dewander Gabriel, cujo nome artístico é bastante conhecido e cujas altas qualidades de cantora todo o nosso meio musical reconhece devidamente, cantou, como sempre muito bem, devendo fazer-se uma menção muito especial à interpretação do «nocturne», de Charles Franck, «Chanson triste», de Duparc «Larmes», de Fauré, «La flute enchantée», de Ravel e «Chanson perpétuelle», de Chausson; estes dois últimos trechos, com outros, acompanhados por um quarteto de corda composto pelos srs. Fernando Cabral (1.º violino), Pavia de Magalhães (viola) e Manuel Santos (violoncelo).

D. Maria Levêque de Castelo Lopes tocou com muita execução e sentimento músicas de Fauré, Tournier, Ibert, Debussy e de...

COLISEU

ULTIMA SEMANA da temporada de circo

HOJE — Deslumbrante espectáculo em que figura a inebriante fantasmagoria, mímica, coreográfica, hipica e musical

As Mil e Uma Noites

Truuzzi. Mais impoente «fante» de grande espectáculo que se tem realizado em Portugal.

GRANDIOSO SUCESSO de todos os assombrosos números apresentados pelo célebre «dressur».

Truuzzi. Mais notável educador de cavalos que se tem realizado em Portugal.

O cavalo ladrão — Charleston, fox-trot e bailes espanhóis — Capelos jay-banistas — O dorminhoco TODAS AS ATRACÇÕES DA Grande Companhia de Circo

Quinta-feira — MATINÉE

Chabrier, tendo-se distinguido em «L'Isle joyeuse», de Debussy e «Bourée fantasque», de Chabrier, onde revelou uma bela técnica e uma requintada expressão.

N. de B.

Apolo

«Mouraria». Não tarda que a opereta em scena no Apolo festeje a sua 250.ª representação. A pesar-disso, a «Mouraria», continua firme no seu posto. O Apolo marca as recitas pelas enchentes, e o público entusiasma-se e alegra-se com a peça ali em scena, não deixando, por vezes, de se comover também, com o infortunio da «Cesária» Augusto Costa, no «Mota da guitarra», e Maria Rodrigues, no «Artur, estofador» e Maria Mesquita na «morgada de Família», Margarida Ferreira, Evangelina Bastos, Maria Cardim e Almeida Cruz, em personagens doutra índole, conseguem, na parte cantante, entusiasmar os espectadores, que não lhes regateiam aplausos. Não falte, pois, na «Mouraria», não deixe de ir ao Apolo, quem não quiser privar-se dum esplêndido espectáculo.

S. Carlos

«Entre os lobos». Realiza-se hoje, no teatro S. Carlos, um concerto da Sociedade de Concertos, havendo ali amanhã o anunciado espectáculo a favor das vítimas da revolução. Por este motivo, interrompe-se por estes dois dias a representação da sensacional peça de aventuras «Entre os lobos».

Eden-Teatro

«O rei dos judeus»

Está marcada para sexta-feira próxima a reabertura do Eden-Teatro, onde se inaugura a época de primavera e se vai apresentar a peça «O rei dos judeus», que inclui os mais importantes episódios da «Vida de Cristo». O novo original em verso, de Silva Tavares e Carvalho Mourão, é uma peça de situações empolgantes e no seu entrecabo aparecem, como figuras de mais destaque, «Jesus Cristo», interpretado por Holbeche Bastos; a «Virgem Maria», por Palmira Torres; «Poncio Pilatos», por Valério Rantano; a «Madalena», por Elisa Carreira e o «Judas», por António Gomes (da Trindade).

Na forma do costume, os espectáculos do Eden Teatro são por sessões, duas em cada noite, e por preços de cinema.

Coliseu dos Recreios

As últimas das «Mil e Uma Noites»

Vai terminar a temporada de circo, que a pesar de estar no final se encontra no auge do entusiasmo. Acabam infelizmente no próximo dia dez os espectáculos da Grande Companhia de Circo e com eles as deslumbrantes e sensacionais exhibições da pantomima feérica «As Mil e Uma Noites», que constitui o acontecimento artístico mais notável desta época. No seu género, nada houve até agora que se lhe compare e não é fácil que entre nós volte a ver-se um espectáculo tão grandioso e tão inebriante como esta linda fantasia oriental, em que tudo se conjuga para produzir um ambiente de sonho, de lenda e de embriaguez artística.

Truzzi, cujo nome não será nunca mais esquecido pelo público de Lisboa, apresenta ainda outros notáveis trabalhos dos seus cantores artistas, entre eles os números que nem se estranham com enorme sucesso e que são o cavalo ladrão, o cão saltador e o passatempo espanhol.

No programa de hoje figuram ainda outros números de sensação, como seja o extraordinário fenómeno humano, que come vidros, pedras, cacos, etc.

Espectáculos de hoje

TEATROS</



A GUERRA IMPERIALISTA

A INGLATERRA ESFORÇA-SE POR UMA ACÇÃO DAS POTÊNCIAS CONTRA A CHINA

Os cantoneses estão ameaçados de bloqueio e ocupação militar — O estatuto de Xangai, inovação diplomática dos ingleses que não surte efeito — Os japoneses assaltados em Hankow.

Londres, 30 de março. — O imperialismo inglês, vêm os factos denotando cada vez mais perentoriamente, dispõe-se a uma guerra aberta à república nacionalista da China. O governo da Inglaterra procura defender o orgulho britânico de um cheque tão tremendo como desastroso. Joga em uma luta desigual todos os seus recursos: navios, soldados, diplomatas, imprensa, apenas para que se mantenha um império irremediavelmente perdido, quer no seu próprio organismo, quer exteriormente.

Enquanto a Inglaterra supõe que a revolução nacionalista poderia ser oportunamente detida e inutilizada na sua marcha vitoriosa, o governo de Londres mostra-se desejoso de paz e acórdio mútuo. Porém, desde que os cantoneses se apoderaram, pelas armas, de três quartas partes do território da China, a política britânica tem de mostrar à evidência os seus objectivos: fazer a guerra. Os cantoneses passaram a ser inimigos.

O governo inglês reúne-se com desusada frequência, tomando deliberações acerca da China sem as querer tornar públicas. São medidas de carácter militar que razões imperiosas não permitem revelar. As tais «razões imperiosas» não são mais do que «razões imperialistas», como, um feliz trocadilho, frisa um jornal francês da esquerda.

As medidas sigilosas do governo inglês transparecem nos factos. Os súditos do império britânico devem evacuar rapidamente todo o território do sul da China, ao mesmo tempo que navios de guerra e tropas vão reforçar as forças que se encontram em Xangai. As negociações com o governo nacionalista de Cantão deixaram de preocupar o gabinete imperialista de Londres. O ministério dos negócios estrangeiros inspira as campanhas belicistas da imprensa. O boicoteismo do Kuo-Ming-Tang é o grito de guerra.

Os acontecimentos de Nanquim, provocados por navios de guerra ingleses, são o assunto principal dessas campanhas. Como a opinião pública não aceita facilmente a guerra à China, tudo se procura conseguir com a mira de se formar o necessário ambiente.

A situação na China é exagerada com evidente propósito. Diz-se, assim, que é legítimo o receio dos estrangeiros de uma repetição, em qualquer ponto da China, dos sucessos trágicos em Nanquim; que as comunicações com o interior foram cortadas para que as potências não tenham meio de se informar dos atentados contra os seus cidadãos; e outros argumentos deste carácter são empregados para estabelecer o pânico acerca da situação dos estrangeiros.

Fala-se já em um bloqueio aos portos da China ocupada pelos cantoneses. A Inglaterra deseja promovê-lo, mas não quer arrostar com a oposição das outras potências, principalmente, do Japão e dos Estados Unidos, rivais poderosíssimos na disputada hegemonia do Pacífico. A política britânica procura captar todas as potências interessadas a uma formal intervenção armada na China.

Os Estados Unidos já se mostram convertidos à política guerreira, estando a enviar tropas e navios. Mas a política de intervenção armada não encontra muitos adeptos nesta potência. Por enquanto, a maioria da imprensa faz-lhe uma viva oposição e nos meetings protesta-se. E os próprios meios militares consideram a intervenção uma política insensata. Aguarda-se a atitude definida do presidente Coolidge, pois se recusa a intervenção se faça em troca da benevolência esperativa britânica ante o golpe de Washington contra a independência de Nicarágua.

Também é ainda pouco provável que a França dê a sua participação à guerra britânica contra a China, a pesar de toda a pressão que o governo de Londres exerce sobre o de Paris. Demais, as divergências entre os dois governos são profundas, tendo já provocado um conflito militar em Xangai. Os ingleses consideram um perigo para a concessão internacional a defesa da concessão francesa, visto que esta não reúne tropas suficientes e foi já invadida por destacamentos cantoneses. Estes destacamentos, dizem os ingleses, ameaçam o flanco principal da concessão internacional.

A atitude do Japão tem merecido a atenção de toda a imprensa inglesa. Causa-lhe impressão que o governo de Tóquio não tomasse ainda uma decisão e ande impedindo uma acção militar contra a China. A moderação é a norma diplomática do Japão, cujo governo não quer reconhecer a responsabilidade dos nacionalistas na tragédia de Nanquim. A imprensa japonesa continua defendendo o critério de que o seu governo não deve ceder às instâncias da América e da Inglaterra sobre uma acção conjunta.

Contudo, o governo inglês vai mantendo a intriga. As últimas notícias dizem que os governos de Tóquio e Washington dispõem-se a trocar impressões com o governo de Londres acerca da proposta inglesa. A Inglaterra terá declarado que se achava disposta a um acordo com todas as potências para uma política a determinar; ou o abandono completo da China, deixando-a que regulasse sozinha as suas questões; ou tomar-se medidas energéticas para a defesa dos interesses estrangeiros em todo o território chinês.

Portanto, a Inglaterra propõe que sejam ocupados os fortes de Wu-Sung, que defendem o porto de Xangai, e bloqueados todos os portos ocupados pelos cantoneses.

O estatuto de Xangai

Uma pretensão das potências que teve de ser posta de parte

As potências propunham-se discutir com o governo de Cantão as fórmulas de um estatuto que deveria reger politicamente a região de Xangai. Os acontecimentos de Nanquim, porém, foram o pretexto para que todas as negociações se suspendessem.

O governo nacionalista enviou já o seu protesto aos governos de Londres, Washington e Paris contra o bombardeamento de Nanquim, contra a presença de navios de guerra e contingentes de tropas das nações estrangeiras e, também, contra as medidas militares tomadas nas concessões estrangeiras.

Estes factos, dizem os comunicados oficiais cantoneses, agravam a situação. O governo de Cantão fala da sua intenção de obter pacificamente a modificação do estatuto internacional de Xangai. Mas vai também declarando que, tendo as potências estrangeiras tomado a seu cargo a defesa e protecção dos seus nacionais, o governo de Cantão se abstinha de colaborar nas medidas tomadas, visto que elas isentam os nacionalistas chineses de todas as responsabilidades nos ataques aos estrangeiros.

O ministro da fazenda de Cantão anda diligenciando junto da finança chinesa a obtenção de um empréstimo que ficaria garantido com os rendimentos alfandegários e reembolsado em um ano.

Os acontecimentos de Nanquim

Procurando uma justificação dos próprios actos

LONDRES, 4. — No seu discurso ontem pronunciado em Darlington, o ministro da Higiene, sr. Neville Chamberlain, referindo-se aos acontecimentos de Nanquim, declarou que o governo britânico não exige mais do que a devida punição dos culpados e as necessárias reparações, em completa harmonia e cooperação com as outras potências cujos cidadãos igualmente foram alvos dos mesmos ultrajes dos súditos britânicos. O sr. Neville Chamberlain declarou esperar que o governo cantonense, que pretende colocar-se entre os povos civilizados, não hesitará em satisfazer os pedidos, pois não pode haver evasivas ou documentos de que a responsabilidade pertence inteiramente aos soldados do exército cantonense, e nunca na China, como em qualquer outra parte, os súditos britânicos foram assassinados, roubados e insultados com impunidade.

Segundo notícias ultimamente recebidas de várias origens, confirma-se mais uma vez que os assassínios e os assaltos cometidos em Nanquim foram obra de soldados dos nacionalistas uniformizados.

Praticamente todas as propriedades de estrangeiros foram completamente saqueadas, incluindo os três consulatos, e oito estrangeiros foram queimados vivos nas suas próprias casas. A pilhagem continuou durante alguns dias depois dos ultrajes de 24 de Março.

As vidas dos estrangeiros foram salvas graças ao fogo de barragem dos navios de guerra, fogo que incidiu sobre os campos agrícolas em torno dos edifícios da Standard Oil, tendo apenas três chineses feridos, e sendo infinitamente pequenos os prejuízos sofridos pelas casas chinesas, nenhuma das quais foi incendiada. — (L.)

Um relatório tendencioso

NOVA-YORK, 4. — O ministério dos negócios estrangeiros publicou hoje o longo relatório elaborado pelo consul americano John Davis acerca dos ultrajes de Nanquim. O ministério declara-se firmemente disposto a manter-se nas suas reclamações dentro das conclusões dos relatórios dos representantes estrangeiros em Nanquim, nada tendo sido ainda deliberado, em virtude daquelas estarem sendo elaboradas de acordo com as formuladas pela Inglaterra. — (L.)

O protesto das potências

LONDRES, 4. — Segundo o «Exchange Telegraph», foi já enviado ao governo de Cantão a nota colectiva da Inglaterra, do Japão e dos Estados Unidos exigindo uma reparação pelas atrocidades de Nanquim. — (L.)

O protesto de cantão

CANTÃO, 3. — Eugene Chen, ministro dos negócios estrangeiros do governo desta cidade, publicou uma declaração protestando energicamente contra o bombardeamento de Nanquim pelos navios de guerra americanos e ingleses. — (L.)

Uma opinião desagradável...

XANGAI, 4. — O ministério dos estrangeiros cantonense declarou que para cada estrangeiro morto em Nanquim correspondem 100 chineses despedaçados pelas granadas americanas e inglesas. — (L.)

A guerra das potências

Os intentos agressivos dos ingleses

LONDRES, 3. — A gravidade da situação chinesa e claramente indicada pela deliberação tomada pelo ministério da guerra de reforçar as forças de defesa de Xangai com uma brigada de infantaria, num efectivo de 5.000 homens, o que elevará a 22.000 o total das forças britânicas que se encontram naquela cidade chinesa. Esta deliberação coincide com as diligências feitas pelo governo britânico junto dos gabinetes norte-americanos e japoneses para uma acção comum contra os cantoneses, a fim de assegurar a reparação dos ultrajes de Nanquim. — (L.)

As ameaças dos japoneses

XANGAI, 3. — Fundeou esta manhã no porto de Xangai a esquadra japonesa composta de oito couraçados, quatorze contratorpedeiros e cinco submarinos. O almirante traz instruções do gabinete de Tóquio para proceder com a maior energia, se as circunstâncias assim o exigirem. Além das guarnições dos navios vêm a bordo tropas de desembarque, sob o comando de um general. — (L.)

A manhã, como arma de combate

XANGAI, 3. — O general inglês Duncan e o almirante francês Basire publicaram uma declaração conjunta, na qual afirmam care-

cer de fundamento os boatos acerca da falta de segurança da concessão francesa e das divergências sobre a coordenação dos esforços na defesa da concessão internacional. — (L.)

Diligenciando pela guerra

WASHINGTON, 3. — Sir Howard, embaixador britânico, conferenciou ontem com o sr. Keilgo, secretário de estado para os negócios estrangeiros, acerca da acção conjunta internacional da China, nada tendo ficado resolvido. — (L.)

O pretendido bloqueio

PEQUIM, 3. — Supõe-se que no caso de não serem satisfeitas as reclamações apresentadas, as forças internacionais bloquearão a costa da China. — (L.)

A guerra nacionalista

O exército cantonense retomou a marcha XANGAI, 3. — O exército cantonense está agora avançando para o norte do Yang-Tse, dividido em três colunas, tendo Pequim por objectivo, a 600 milhas de distância.

A resistência oposta pelos nordistas até, por enquanto, é tão fraca que uma das colunas está avançando em combóios.

O marechal Tchong-Tso-Lin, que pretende opor-se ao avanço dos sulistas, encontra-se com grande parte das suas tropas em Su-chow, importante entroncamento ferroviário, 190 milhas ao norte de Nankin. Se esta cidade for deixada perder pelos anti-boicoteiros, os cantoneses alcançarão extraordinárias facilidades para a ocupação de toda a China.

Os cantoneses ocuparam Yunan, a única provincia ao sul do Yang-Tso-Kiang. Dois corpos do exército aproximam-se cada vez mais de Pequim. — (L.)

A política entre os nacionalistas

O programa e a acção do governo cantonense XANGAI, 5. — O sr. Chen, ministro dos negócios estrangeiros cantonense, declarou ao enviado especial do «Petit Parisien» que o governo de que faz parte possui um plano financeiro e económico como princípio, meio e fim.

Esse plano, contudo, há-de ser posto em prática, a custo o que custar. Normalizada a situação a vida e haveres dos estrangeiros serão garantidos desde que estes não esqueçam encontrar-se num país absolutamente livre. Assumiu a direcção dos negócios administrativos do governo de Cantão o sr. Wang-Ching-Wrei, que havia sido desterrado em 1926 pelo general Chang-Kaishek. A última hora afirma-se que aquele general continua à frente das operações militares, visto a sua demissão se referir apenas às funções em que acaba de ser substituído por Wang. — (Lusitania).

Outro incidente grave

A concessão japonesa de Hankow foi assaltada pela multidão

XANGAI, 4. — Segundo notas recebidas de Hankow, em consequência dum conflito entre um marinheiro japonês e um colite, uma multidão destes últimos invadiu a concessão japonesa, saqueando os estabelecimentos, e agredindo os japoneses. Um destacamento de marinha, desembarcado dos navios de guerra japoneses obrigou a multidão a dispersar, chegando a fazer fogo com as metralhadoras.

Os dois mil japoneses residentes na concessão refugiaram-se a bordo dos navios de guerra.

Quatro navios de guerra japoneses receberam ordem de partir imediatamente de Hankow para Hankow, em Xangai encontram-se outros três prontos a partir. — (Lusitania).

Noticias varias

Um marechal aborrecido

XANGAI, 4. — As ultimas noticias dizem ter abandonado o comando das suas tropas o marechal Tchong-Tso-Lin, chefe nordista. — (Lusitania).

Um subsídio de Moscovo

MOSCOU, 3. — O comité dos operários enviou 100.000 rublos aos operários de Xangai para eles continuarem o movimento grevista. — (Lusitania).

NO TRIBUNAL DE MARINHA

foi ontem adiado o julgamento dum crime de burla

Foi adiado para hoje, o julgamento que estava marcado para ontem no Tribunal de Marinha, do 2.º tenente José Manuel Figueiredo, que responderá pelo crime de burla.

Uma pretensão dos vendedores marítimos

A Associação de Classe dos Vendedores Marítimos do porto de Lisboa, enviou ao ministro da Marinha, uma mensagem pedindo para que possam continuar a ir a bordo dos paquetes estrangeiros que visitam Lisboa, os vendedores de bordados, frutas, postais e outras recordações do país, pois que com o pequeno ganho que auferem com a venda desses artigos é que se sustentam e as suas famílias. O sr. almirante Jaime Afreixo mandou ouvir as estações competentes sobre o assunto.

IMPRENSA

«Correio da Manhã»

Reaparece no próximo dia 15 o matutino «Correio da Manhã», que por ordem do governo se encontra suspenso há tempo.

Sobre organização

Aspectos resultantes do maquinismo na posse dos industriais

Na posse deste poder, os patrões regulam, conforme aos seus únicos interesses e sem consultar o seu pessoal, o modo de emprego do maquinismo. Utilizam a sua principal vantagem, a produtividade, para determinar em todas as indústrias e de forma permanente a suspensão de trabalho, perturbação gravíssima que dantes só muito excepcionalmente se manifestava. A produtividade pode ser utilizada de duas maneiras: pode-se conservar o mesmo número de operários e diminuir-lhes o tempo de trabalho, ou manter o mesmo tempo de trabalho e reduzir o número de operários.

Esta última solução é a única em conformidade com os interesses patronais, pois o patrão que é o primeiro habilitado a reduzir o número dos operários, pode aumentar os seus lucros, já diminuindo o custo de produção e mantendo os mesmos preços de venda, já baixando os preços de venda, captando momentaneamente os consumidores. Em compensação, esta maneira de utilizar as vantagens do maquinismo é desastrosa para a classe operária, produz a paragem súbita e imprevista do trabalho, isto é, a inactividade.

O poder de suprimir ao operário o seu trabalho é o mais odioso de quantos o patrão conserva.

O poder de restringir os salários produz a pobreza; o de impor um longo dia de trabalho, se destrói lentamente o operário, dá-lhe ao menos, o meio de se alimentar; mas o direito de recusar o trabalho porque vai nisso o interesse do patrão é verdadeiramente o direito de condenar os trabalhadores à miséria, à caridade pública, à morte pela fome.

E preciso estamos muito acostumados, como estamos ao actual estado económico para tão pouco nos surpreendermos com tal procedimento.

Os trabalhadores despedidos da oficina já não recebem salários, por conseguinte, deixam de tomar parte no consumo. A suspensão de trabalho, portanto, teve por fim reduzir o consumo total da população, e por repercussão, a produção das outras indústrias. Ora, em França, a estatística admite que existem, em estado permanente, cinco ou seis milhões de operários sem trabalho; a diminuição do consumo proveniente de tal situação é pois considerável.

Como se vê, nas sociedades de direcção patronal, a principal vantagem do maquinismo, a produtividade, produz as três perturbações seguintes: suspensão de trabalho, paragem do consumo e paragem da produção.

Uma das necessidades técnicas impostas pelo maquinismo, o trabalho em comum em locais especiais, nas fábricas, aumenta o poder de disciplina que têm os patrões. Aproveitam esta necessidade para estabelecer nas oficinas regulamentos vexatórios, para criar vigilantes encarregados de verificar todos os actos do seu pessoal. Os patrões arrogam-se até o direito de infligir multas a aqueles que infringem esses regulamentos.

Obrigado a suportar tais condições de trabalho sob pena de destituição, o operário moderno é de certo menos livre do que o artífice de outros tempos.

H. DUFOUR

ESPERANTO

Curso de Esperanto

Conserva-se aberta por toda esta semana a inscrição para um curso elementar da lingua internacional Esperanto na sede da Sociedade Esperantista Operária «Nova Voz», rua do Mundo, 81, 2.º. Para este curso, cujo numero de alunos é limitado, existem já poucas vagas, contando a comissão inaugurá-lo na próxima semana. Aos alunos é obrigatório o pagamento da cota mensal de dois escudos, única contribuição que têm de fazer para a Sociedade.

A duração do curso é de três a quatro meses. Dão-se todos os esclarecimentos na sede da «Nova Voz».

CRISE DE TRABALHO

Sindicato Único da Construção Civil

Os delegados deste organismo foram recebidos pelo ministro do Comércio, ao qual, mais uma vez, expuseram a situação em que encontram os operários da construção civil como resultado da crise de trabalho, pedindo que seja atendida a reclamação em tempo feita sobre a entrega do Bairro Social do Arco do Cego à Câmara Municipal de Lisboa, reabertura das obras das Casas Económicas da Ajuda e outros trabalhos do Estado e verba para as obras dos Edifícios Públicos e Monumentos Nacionais.

Os delegados trataram também dos inválidos das Obras do Estado.

Em vista de estarem concluídas as negociações entre o presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa e o ministro do Comércio, este sindicato realiza ainda esta semana uma reunião magna para dar conta dos seus trabalhos a todos os associados sem trabalho.

A inscrição continua ainda esta semana, das 12 às 14 horas, para os associados sem trabalho.

Mestres e operários dos edifícios nacionais

A folha oficial publicou, ontem, um decreto, segundo o qual são transferidos para o Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios os mestres e operários das obras de edifícios nacionais que, até à presente data, tenham sido julgados inválidos pela junta médica do Ministério do Comércio e Comunicações.

Aos referidos mestres e operários serão pagas, respectivamente, as pensões diárias de 4.000 e 3.800.

Fica proibida, de futuro, a classificação de mais mestres e operários como inválidos, devendo os impossibilitados para o serviço seguir, se assim o quiserem, as normas em uso para outros assalariados do Estado, inscrevendo-se como contribuintes da Caixa de Reformas, Subsídios e Pensões do Pessoal de Obras Públicas.

Federação Portuguesa de Solidariedade

a presos e perseguidos por questões sociais

(Estatutos dos Comités locais, aprovados na conferência efectuada em Lisboa em 30 de Janeiro de 1927)

CAPITULO I

Do Comité e seus fins

Artigo 1.º E' constituído em... um Comité Local de Solidariedade a Presos e Perseguidos por Questões Sociais.

Art. 2.º Este Comité é composto por a adesão dos Sindicatos Operários locais e outros organismos de carácter revolucionário que visem à emancipação dos trabalhadores e pelas adesões individuais.

Art. 3.º Este Comité tem por fins:

a) Agregar todos os elementos conforme o art. 2.º destes estatutos, com o fim de coligação em auxílio dos presos e perseguidos por questões sociais.

b) Estabelecer relações com a Federação.

c) Informar o Comité Executivo da Federação mensalmente do seu movimento de aderentes e presos e perseguidos

CAPITULO II

Da assembleia Geral

Art. 4.º O Comité local é dirigido e administrado pela assembleia geral dos seus aderentes.

Art. 5.º São atribuições da assembleia geral:

a) Deliberar sobre o funcionamento do Comité.

b) Decidir sobre as propostas e assuntos referentes a toda a sua acção.

c) Pronunciar-se em todos os casos não previstos nos presentes estatutos.

Art. 6.º A assembleia geral reúne ordinariamente de dois em dois meses e extraordinariamente sempre que seja convocada pelo secretariado.

As decisões, na primeira sessão, só serão validas estando presentes um terço dos seus componentes.

Art. 7.º Os trabalhos da assembleia geral são coordenados por três comités, sendo dois escolhidos em cada sessão e um efectivo para a elaboração de actos.

CAPITULO III

Do Secretariado

Art. 8.º A assembleia geral nomeará um secretariado composto por:

um secretariado administrativo, um secretário correspondente e um secretário de informações.

a) Os membros do secretariado servem por um ano, sendo revogável o seu mandato por maioria da assembleia geral.

b) O secretariado reunirá uma vez por semana e extraordinariamente sempre que para tal tenha necessidade.

Art. 9.º O secretariado cumpre administrar o Comité local, executar todas as decisões das assembleias, elaborar para apresentar ao Comité Executivo da Federação estatísticas dos seus aderentes e presos na localidade e balancetes trimestrais a apresentar às assembleias gerais e ao Comité Executivo da Federação.

Art. 10.º Compete especialmente aos membros do secretariado:

a) Ao secretário administrativo: convocar todas as reuniões ordinárias e extraordinárias do secretariado, fazer toda a escrituração, tais como livro, caixa, etc, coligação e mapas financeiros.

b) Ao secretário correspondente: elaborar toda a correspondência, relatórios morais e ainda outros trabalhos designados pelo secretariado.

c) Ao secretário de informações: exercer todas as funções tendentes a relacionar-se com o secretário de informações do Comité Executivo da Federação.

CAPITULO IV

Condições de adesão

Art. 11.º Todo o Sindicato ou qualquer outro organismo para aderir terá como condição concordar com os presentes estatutos. Essa confirmação deverá ser feita pelas suas assembleias gerais.

Súnicos. Os aderentes individuais deverão concordar com os presentes estatutos.

Art. 12.º Todo o aderente que esteja em contradição com os fins e objectivos da Federação ou que esteja atrasado mais de 3 meses com o Comité local será irradado se deixar sem resposta o convite que lhe seja feito para pagamento ou explicações. Essa irradiação só poderá ser feita pela assembleia geral tornando esta resolução pública e esclarecendo os motivos que levaram a tal.

CAPITULO V

Da cotização e fundos

Art. 13.º A cobrança deste Comité aos seus aderentes será feita por um sistema voluntário e por sélos de \$50 editados pela Federação para serem apenas a caderneta igualmente fornecida pelo mesmo organismo.

a) Todo o sistema de recepção de dinheiro será enviado ao Comité Executivo da Federação.

Art. 14.º Este Comité terá um fundo eventual e permanente estabelecido de acordo com o Comité Executivo da Federação.

CAPITULO VI

Disposições gerais

Art. 15.º Este comité aderirá à conferência anual representando-se pelos delegados que achar conveniente.

Art. 16.º Os presentes estatutos só poderão ser alterados pela assembleia geral, não indo de encontro aos estatutos da Federação.

Art. 17.º No caso de dissolução deste comité os seus haveres serão entregues à Federação.

Exposição Industrial, comercial, pecuária e agrícola, em Extremoz

Nos dias 14, 15 e 16 de Maio, realiza-se em Extremoz a exposição anual, que consistirá de artigos e produtos industriais e agrícolas, realizando-se uma parada em que aparecerão 10.000 cabeças de gado cavalar, bovino, suíno, lanífero, etc.

Vida Sindical

Comunicações

Sindicato Unico da Construção Civil — Seção Profissional dos Canteiros e Polidores de Mármore — Reuniu a Comissão Administrativa, que, entre outros assuntos de interesse para a classe, se ocupou da crise de trabalho que há muito vem afectando a classe e tomou conhecimento das resoluções tomadas pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal, referentes às obras que se encontram paralisadas há 3 anos, satisfazendo-se com tais deliberações, pois elas constituem a solução apresentada pelo Sindicato da indústria em congressos corporativos e na última conferência dos sindicatos da construção civil realizada na cidade de Santarem, solução que por várias vezes tem sido apresentada à câmara e ao governo, por exposições que lhe têm sido entregues pelo Conselho de Seções do Sindicato.

Ocupou-se ainda da situação de miséria que o emprego das máquinas na classe e o desenvolvimento do cimento armado estão causando aos canteiros e polidores, resolvendo realizar brevemente uma sessão magna dos operários respectivos, a fim de tratar de tão palpitante assunto, para o que fará distribuir um manifesto em todos os locais de trabalho.

Por último, resolveu officiar ao Conselho de Seções do Sindicato, aconselhando-o a que prossiga activamente as suas démarches junto da Câmara e do governo, até que consiga ver atendidas todas as reclamações que lhes tem dirigido para a solução da crise de trabalho que há muito vem afectando o operariado da industria.

Convocações

REUNEM HOJE:

Tanqueiros de Lisboa — Às 13 horas, a assembleia magna, para apreciar a baixa de salários.

Sindicato U. C. Civil — Conselho da Seção — Pelas 20 horas prefixas, sendo indispensável a comparencia de todos os delegados.

Secção telegráfica

Gouveia — Manufaturas de Tecidos — Podeis requisitar o expediente que for preciso. Segue officio.

CARTA DE COIMBRA

As obras do Manicómio Sena — Um louco perigo — Pedem-se providências

COIMBRA, 1. — Dia a dia, neste distrito, vai engrossando duma maneira assustadora a legião dos dementes, sem que o Estado se disponha a encarar eficazmente o problema importantíssimo da assistência aos loucos. Em Portugal, como toda a gente sabe, a obra social de assistência aos dementes está por concluir. Sucede, por este motivo, que as poucas casas de saúde que existem no país para tratamento dos doídos, se encontram completamente cheias, em condições de não poderem albergar mais desses infelizes que perderam, completa ou parcialmente, o uso das faculdades mentais.

Nesta cidade existe há já bastantes anos, em obras, que parece nunca mais acabarem, o edificio para instalação do célebre Manicómio Sena.

Pela sua planta e pela sua localização, não é difícil prever que este manicómio virá a ser um dos melhores do país e do estrangeiro.

Por tudo isto, é para lamentar o abandono a que foi votada esta importante edificação.

Esquelético e despido, mantém-se no cimo do mesmo monte, a desafiar as loucuras dos elementos — ele